

O CONHECIMENTO QUE NÃO TEMOS

O desenvolvimento científico costuma ser medido por aquilo que se descobre. Novas espécies, tratamentos, materiais, tecnologias e explicações de fenômenos naturais e sociais ampliam continuamente as fronteiras do conhecido. Nunca se produziu, armazenou e compartilhou tanta informação como na atualidade. No entanto, ao lado desse enorme patrimônio de conhecimento persiste outro território muito menos visível: o daquilo que ainda não conhecemos.

Reconhecer sua existência não constitui uma fragilidade da ciência. Pelo contrário, identificar o desconhecido sempre foi um dos motores de seu avanço. O problema surge quando as lacunas de conhecimento não são evidentes ou quando aquilo que se conhece parcialmente começa a ser considerado suficientemente conhecido. A ausência de informação pode, então, condicionar as perguntas formuladas, os modelos construídos e, finalmente, as decisões adotadas.

Essas lacunas tampouco se distribuem de maneira uniforme. Algumas espécies, ecossistemas, populações e territórios têm sido estudados durante décadas, enquanto outros continuam pouco documentados. Pesquisas recentes mostram importantes desequilíbrios geográficos e temáticos no conhecimento disponível sobre os ambientes tropicais e indicam que extensas regiões do oceano permanecem insuficientemente amostradas. Paradoxalmente, alguns dos territórios de maior diversidade biológica do planeta encontram-se entre aqueles sobre os quais persistem importantes lacunas de informação.

A situação ultrapassa as ciências naturais. Na saúde, educação, economia, agricultura ou ciências sociais, a disponibilidade e a qualidade dos dados determinam quais fenômenos podem ser adequadamente caracterizados e quais permanecem parcialmente ocultos. Uma população pouco representada, uma série temporal interrompida ou uma realidade territorial insuficientemente documentada podem limitar a capacidade de explicar fenômenos e elaborar respostas apropriadas. Aquilo que não é observado ou medido dificilmente pode ser incorporado com o mesmo peso à construção do conhecimento. E essas ausências não são necessariamente inócuas: aquilo que é insuficientemente conhecido pode receber menor atenção ao serem estabelecidas prioridades de conservação, elaboradas políticas públicas ou tomadas decisões sanitárias, educacionais e produtivas. A lacuna de conhecimento pode, assim, transformar-se em uma lacuna de atenção.

Para a América Latina e o Caribe, essa questão adquire particular importância. A extraordinária diversidade

biológica, ambiental, cultural, produtiva e social da região contrasta com capacidades científicas e sistemas de informação muito desiguais entre países e territórios. Gerar conhecimento próprio não significa desconhecer o caráter universal e colaborativo da ciência. Significa dispor de evidências suficientes para compreender realidades que não podem necessariamente ser explicadas por dados obtidos em outros contextos. O desafio não consiste apenas em produzir mais conhecimento, mas também em reconhecer quais territórios, populações, fenômenos e problemas da região permanecem insuficientemente estudados e quais dessas ausências são especialmente relevantes e prioritárias.

A crescente utilização de grandes bases de dados, modelos computacionais e inteligência artificial acrescenta uma nova dimensão ao problema. Essas ferramentas permitem identificar relações e processar informações em uma escala antes inimaginável, mas sua capacidade depende, em grande medida, daquilo que foi previamente observado e registrado. Um modelo pode encontrar padrões entre milhões de dados; não pode recuperar, por si só, a informação que nunca foi gerada. Maior capacidade para processar o conhecido não equivale necessariamente a reduzir o desconhecido.

Por isso, uma tarefa essencial da pesquisa contemporânea consiste também em reconhecer suas próprias lacunas. Perguntar o que ainda falta conhecer, onde se encontram as maiores ausências de informação e quais realidades permanecem insuficientemente representadas pode ser tão relevante quanto produzir novos resultados em campos amplamente estudados. Para a INTERCIENCIA, contribuir para a circulação de perguntas, conhecimentos e perspectivas provenientes de diferentes disciplinas e contextos de nossa região constitui também uma forma de ajudar a reconhecer e reduzir esses espaços ainda insuficientemente conhecidos.

As fronteiras da ciência não são delimitadas apenas pelas respostas alcançadas, mas também pelas perguntas que ainda não conseguimos formular. Em uma época caracterizada por uma disponibilidade de informação sem precedentes, reconhecer o conhecimento que não temos pode ser, paradoxalmente, uma das formas mais necessárias de continuar avançando.

ANA RAQUEL PICÓN ÁVILA
Editora (E)
INTERCIENCIA